



Vozes necessárias à produção de conhecimento na Amazônia: pensando a infância manauense a partir das contribuições da História Oral

Maria Goreth da Silva VASCONCELOS¹

João Luiz da Costa BARROS²

Jeane Vasconcelos de OLIVEIRA³

Resumo

Este artigo levanta considerações a respeito da História Oral, como horizonte de estudos, para além da visão convencional de se construir conhecimentos históricos em contexto amazônico. Traz à tona a possibilidade de se considerar novas fontes e novas vozes como documentações vivas necessárias, e portadoras de um saber histórico por dentro da história estabelecida, sendo assim significada e inscrita como um saber histórico em constantes aproximações. Nesse sentido o trabalho em referência aponta reflexões a respeito de elementos que caracterizam a História Oral como campo em evidência, demandas para a constituição de seu estatuto como campo de conhecimento, bem como reverberações para a produção de conhecimento em contexto amazônico referente a infância institucionalizada em espaços não-domésticos de educação, destacando elementos que se referem a realidade de creches e dinâmicas que se inscrevem neste cenário enquanto constituição relacional e histórica.

Palavras-chave: História Oral. Amazônia. Infância Institucionalizada

Introdução

A produção de conhecimento em contexto amazônico desafia-nos a alargar as percepções e trilhar caminhos metodológicos para além dos convencionais, isto quando consideramos o modelo de se fazer ciência a partir do paradigma moderno.

Esta referência durante um longo período figurou como a forma predominante de obtenção do conhecimento científico, ficando à margem, e considerado um “saber menor”, os constructos que não seguissem a mesma lógica. Fazemos alusão, nesse ínterim, a configuração pautada no plano cartesiano, a qual tendia a pensar a produção do

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas-PPGSCA/UFAM. E-mail: tieth15_@hotmail.com

²Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. E-mail: jlbarros@ufam.edu.br

³Especialista em Psicopedagogia. E-mail: jevasconcelos @htmail.com



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



conhecimento a partir da relação causa-efeito, em um plano linear, carregado de uma racionalidade objetiva, preza a visão do aparente, exterior, passível de manipulação e testagem.

A partir do cartesianismo, com sua aposta na razão e no método, o paradigma moderno apresentava uma premissa básica de que todo o conhecimento científico é racional, objetivo, universal; portanto, um conhecimento certo, luminoso e evidente, "claro e distinto", como uma verdade indubitável. O acesso a esse conhecimento verdadeiro e indubitável torna-se possível pelo uso e pela crença na razão e, através dela, na possibilidade de conhecer e de chegar a verdades ainda não desvendadas (PEREIRA, 2002, p.29-30).

O paradigma em referência impôs regras e direcionamentos para a busca das “verdades” pretendidas, e é assim que se estabeleceu inicialmente, um caminhar definidor do que em ciência deveria ser visto/tratado; do que se apontaria como fonte confiável para a obtenção de dados; de como decorreriam as formas de entrada em campo; de quem e o que se selecionaria como sujeito/amostra para o estudo; do que se consideraria documentação, fato e fonte para pesquisa; de como decorreriam as análises e como se registrariam e socializariam os conhecimentos, de modo a não fugir a razão da época, não perdendo assim a objetividade necessária ao processo. É importante destacar que esse modelo não está superado, sendo ainda utilizado nos dias de hoje, em contexto de áreas de conhecimento a fins, como é o caso das ciências naturais e físicas.

No plano das ciências sociais e humanas o trabalho com essa vertente apontou desafios, visto o fenômeno em evidência não ser passível de manipulação, testagem, objetividade entre outros, junto a isto, as demandas atuais, as quais apontam a necessidade da construção de novas maneiras de se precisar o conhecimento científico, visto que a teia dinâmica envolvente do mundo em sua complexidade, não se comporta mais e somente nas bases e invólucros do pensamento moderno.

O tempo contemporâneo nos impele a pensar o mundo por uma visão mais ampla, para qual a lógica moderna não comporta respostas, principalmente quando consideramos as demandas das ciências humanas e sociais em suas “múltiplas determinações”. É dentro



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



deste contexto que somos convidados a ver novos horizontes teórico e metodológicos, caminhos necessários para pensar a realidade atual.

Partindo desse pressuposto podemos mencionar que a maneira de se produzir conhecimento de modo amplo, bem como de se estudar a História de modo particular requer posicionamento outro, que possibilite um alargar de percepções e práticas para além do clássico estudo de documentações escritas, e outros elementos convencionados como fontes históricas. Nesse cenário a História Oral, apresenta-se como um projeto no qual a maneira de se compreender e pensar a história, ganha significativa importância, uma vez que se inscreve como um espaço de escuta, que dá vez e voz, àqueles que estiveram à margem dos processos de construção do conhecimento, os quais na verdade carregam elementos, significados, ideias, posicionamentos, que precisam ser ouvidos, interpretados, analisados, considerados como memórias necessárias para a compreensão de um tempo, de um povo, de um contexto, de uma história, sendo esta uma das inspirações iniciais da proposta, e um desafio a se manter para o século XXI.

Podemos denotar que a História Oral como saber emergente e necessário, se inscreve com a responsabilidade de se constituir um campo de estudo, com procedimentos distintos, o qual tem como pano de fundo dar visibilidade a uma história ocultada pelo saber dominante, dos supostos guardiões da “verdade” científica e/ou histórica. Para tanto, a fim de que a mesma não se desvencilhe de sua proposta primeira, os adeptos precisam entender que,

[...] é preciso saber respeitar três fidelidades à inspiração original: ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos; trazer à luz as realidades "indescritíveis", quer dizer, aquelas que a escrita não consegue transmitir; testemunhar as situações de extremo abandono (JOUTARD, 2000, p. 33).

Considerando este postulado nossa pretensão no momento, é trazer à tona, de maneira sucinta, elementos referentes a História Oral, no que se refere ao seu estatuto, e a questões básicas, a se dar atenção, quando da realização de estudos, a partir das orientações do caminhar conceitual e procedimental, em evidência. Junto a isto, pensar a produção de conhecimento na Amazônia, tendo como horizonte, o que se discute e sugere

em História Oral, algo que consideramos necessário e indispensável para a construção da memória e identidade dos povos, comunidades e grupos que neste vasto cenário se constituem.

1 Sobre a História Oral

A História Oral nos últimos anos alcançou adeptos em vários contextos acadêmicos. Em sentido conceitual, segundo Meihy (2011, p. 18-19), os principais posicionamentos teóricos a apresentam como:

[...] uma prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato.

A formulação de documentos através de registros eletrônicos é um dos objetivos da história oral. Contudo, esses registros podem também ser analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memória coletiva. [...] uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de entrevistas gravadas em aparelhos eletrônicos e transformadas em textos escritos.

[...] um processo sistêmico de uso de entrevistas gravadas, vertidas do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas.

Os citados posicionamentos partem de lugares conceituais distintos e figuram como ecos na busca pelo que se venha constituir ou definir o estatuto da História Oral. Neste sentido podemos mencionar, que o entendimento desta área de conhecimento não se apresenta de maneira consensual. Segundo Ferreira (2012, p. 168), no que a isso se refere, o entendimento quanto ao estatuto da História Oral, pode se reduzir a três principais posturas, a saber: a história oral como técnica, a história oral como disciplina e a história oral como metodologia.

A noção de história oral como técnica, a apresenta como subsidiária de outra fonte, comportando-se como recurso importante para completar falhas ou lacunas constantes de outra documentação.

Os que a compreendem e a advogam como técnica, privilegiam as experiências com os recursos de registro, priorizando as “experiências com gravações, transcrições e

conservação de entrevistas” (FERREIRA, 2012, p. 168). Aqui, nega-se pretensões metodológicas ou teóricas.

[...] Como técnica, contudo, deve-se supor que exista uma documentação paralela, escrita ou iconográfica, e que as entrevistas entrariam como mais um apêndice formalizado, maneira precisa de diálogo de fontes, recurso adicional que extrapolaria o uso indefinido ou exemplificador- ainda que destacado (MEIHY, 2011, p. 70).

Considerada como disciplina, a História Oral, busca gerar nos âmbitos da memória e da identidade, aportes condutores de soluções teóricas para questões práticas entre “história e memória, entre sujeito e objeto de estudo, entre história de vida, biografia, entre diversas apropriações sociais do discurso etc.” (FERREIRA 2012, p. 170).

Para Meihy (2011, p. 75),

A consideração da história oral como disciplina acadêmica é uma tendência radical professada por tantos que levam sua prática a extremos político-cultural. Nesse caso, a academia se assumiria como espaço para o debate sobre a consagração da história oral como um campo novo, coerente com avanços propostos pelo encontro da tecnologia eletrônica com os fundamentos acadêmicos.

Como metodologia, a História Oral, apresenta-se com *status* de método de investigação, ordenando procedimentos de trabalho e sendo ponte entre teoria e prática.

Na acepção de método, tem o seu lugar como fonte principal da investigação e envolve um conjunto de entrevistas, que funciona como amostragem significativa, expressiva, pela qual, elementos essenciais do universo em análise devem estar presentes. Como método, configura-se, então, como o fundamento da pesquisa com procedimentos claros (SANTOS, 2007, p.195).

Sobre isto Meihy (2011, p. 71-72) menciona que,

Muito mais do que técnica, método é um recurso que indica um procedimento organizado e rígido de investigação, capaz de garantir a obtenção de resultados válidos para propostas desenhadas desde a

formulação de um projeto. Enquanto método, os procedimentos devem indicar caminhos específicos, determinantes, para a obtenção de efeitos esperados e estabelecidos aprioristicamente em função das hipóteses de trabalho.

Independente do estatuto a que se deseja atribuir, o certo é que História Oral, envolve um conjunto de procedimentos que parte de um projeto, que como procedimento planejado, destina-se a um grupo de quem se pretende conhecer as memórias, sentidos, manifestações e outros. Projeta-se o como e por quê fazer. Privilegia-se as entrevistas gravadas. Resguardando-se a ética e a devida condução do processo.

Em História Oral, no projeto de estudo, deve-se estar claro os objetivos de trabalho; os papéis de entrevistador e entrevistado; a explicação do projeto a pessoa que será entrevistada; a definição do local onde as entrevistas serão realizadas e demais fatores ambientais; a previsão do tempo de gravação, a transcrição e estabelecimento de textos, a conferência do produto escrito, a autorização para o uso, o arquivamento dos dados (MEIRY, 2011, p. 16-17).

Toda essa observação se atendida, resguarda a ética e a seriedade do que se incorre sobre a produção e armazenamento de um conhecimento rico em sentido e significados, assegurando a importância desse caminho na construção de um saber significativo e indispensável para os grupos sociais em suas histórias.

Assim, podemos mencionar que a História Oral naquilo que produz, é muito mais que um banco de dados, sendo indispensável para reconstrução dos fatos, dos acontecimentos passados, das leituras históricas estabelecidas.

Referindo-se a uma,

[...] percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado [...].

[...] garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem (MEIRY, 1996, p. 10).

1.1 História Oral e a construção do conhecimento em contexto Amazônico

A Amazônia é um cenário amplo formado por múltiplos povos com histórias, tradições, culturas e saberes diferenciados. Muito mais que um conjunto de elementos



naturais, como as mídias costumam focar, é um espaço de diversidades humanas, dos quais muito ainda se precisa conhecer.

Do mesmo modo como ocorre em outras regiões brasileiras, o conhecimento que se impõem para esses trópicos, carrega a visão do colonizador. Sofremos na Amazônia, muita das vezes, no que se refere a produção de conhecimento, de um “saber que não se sabe”, que não nos representa, que não condiz com aquilo que vemos, vivemos e sabemos deste espaço. Outras vezes, um saber lacunoso, falado de um lugar peculiar, pautado em fatos, documentações escritas, ou outras fontes concretas, que carregam parte de nossa história, fragmento de nossas memórias, deixando-se de lado importantes elementos, que só seriam passíveis de acesso, se buscássemos caminhos teórico-metodológicos outros, para situá-las.

Junto a isso, destacamos o fato, de que muito do que se precisa conhecer sobre os povos Amazônicos, bem como de elementos que se apresentam neste contexto, necessitam da escuta atenta àqueles que, por dentro da história, e envolvidos no processo, a conhecem por ângulo distinto, portador de uma história de luta, resistência, mobilização em defesa a causas específicas, nem sempre conhecidas nos meios sociais e acadêmicos.

É nesse sentido que a História Oral, apresenta-se como importante caminho, visto possibilitar, a descoberta de uma nova história, a qual invisibilizada, urge que se inscreva como voz de denúncia, de esclarecimento, ou de corroboração de fatos ou documentos existentes, sendo assim um caminho de constantes aproximações, busca de sentidos e memórias.

1.2 Vozes invisibilizadas na Amazônia: Possibilidades de estudo a partir da História Oral

Muitas são as vozes, historicamente ocultadas no espaço amazônico, visto a elas não se dá a devida importância e espaço de inscrição. Assim, nossa história se apresenta como uma história em “partes”.

É importante, contudo destacar que nos últimos anos, as formas de se produzir conhecimento, adentraram em um espaço de escuta, anteriormente pouco adotado. Podemos mencionar que alguns contextos acadêmicos, mais que outros, tem priorizado



as narrativas de grupos, comunidades e sujeitos detentores de saberes representativos de coletividades em suas memórias e tradições. Acreditamos que esse caminhar precisa ser ampliado, no sentido de que um número maior de estudos e campos do conhecimento, de posse dessa visão, possibilitem o alcance dos saberes ocultos e prementes neste cenário.

Narrativas de povos indígenas, de habitantes das comunidades às margens dos rios amazônicos, de povos moradores nas áreas centrais de florestas, de negros que há muitos habitam esse espaço, de pessoas com deficiências, com doenças mentais, as questões das infâncias amazônicas, a situação da mulher entre tantas outras temáticas, precisam ser conhecidas, como uma voz necessária de emersão, dentro de uma história de dominação.

A partir das possíveis temáticas, nos chama a atenção, as questões que envolvem a infância em cenário amazônico, as quais elegemos, e de maneira sucinta pontuaremos como campo profícuo para os quais estudos a partir da História Oral poderão trazer grandes contribuições.

1.2.1 Infância amazônida

Estudos em relação a infância vem ganhando notoriedade no espaço amazônico. Podemos destacar nesse contexto dois grandes segmentos, o que se relaciona as questões sociais da infância, destacando as situações de vulnerabilidade e risco social, com sujeitos em acolhimento institucional ou não, e os que envolvem questões educativas em cenários formais como as creches e centros de educação infantil.

A infância institucionalizada é tema que nos motiva, e sobre o qual durante os estudos de mestrado fizemos breve alusão. Destacamos que muito ainda se precisa conhecer da citada realidade em espaço amazônico. Poderíamos mencionar, de acordo com os dados obtidos durante a pesquisa, que tal questão se encontra silenciada em meio ao descaso do poder público, o que evidencia a necessidade da construção de espaços e processos que comuniquem essa demanda. Acreditamos que a academia como espaço incumbido para produção de conhecimento científico, e valorizado como tal, cada vez mais deve se envolver e responsabilizar-se pela socialização de saberes que evidenciem peculiaridades como estas, possibilitando o envolvimento de tantos outros, que por não conhecerem determinadas dinâmicas, chegam a não se envolver significativamente com



os fatos e lutas prementes, de modo a promover as necessárias mudanças sociais decorrentes.

Acreditamos que independente da metodologia adotada, o fato de trazer à tona a temática, por si só, pode contribuir para colocar em suspensão a questão, e possibilitar um pensar crítico sobre a realidade. Contudo, ao nos aproximarmos da leitura a respeito da dinâmica promovida pelos estudos que adotam a História Oral, pudemos perceber que o mesmo poderia ganhar e ampliar o leque de conhecimentos, possibilitando um mergulho sobre elementos subjacentes, que não se apresentam nas documentações escritas e nos resultados de pesquisas que a adotaram como fonte única. Agora com um olhar de fora, mas não menos envolvido, destacamos que o aprofundamento de questões que emergiram durante a pesquisa de mestrado poderia ganhar nova dimensão a partir de um projeto com encaminhamento da História Oral.

1.2.2 A criança na creche: processo histórico constituinte

Durante o estudo doutoral, no qual encontramos-nos envolvidos, ao buscarmos definição quanto ao objeto de estudo, procuramos dar continuidade, as inquietações que envolvem as questões da infância em nosso município. Para tanto, delimitamo-nos, aos saberes complexos e sentidos construídos em situação de Creche, tendo como interesse as contribuições que as interações ali presentes, possibilitam para as aprendizagens e desenvolvimento das crianças zero a três anos de idade.

À medida que adentramos neste campo e impelidos pelas leituras durante este processo, entre as quais as relacionadas a História Oral, chamou-nos a atenção, a lacuna existente a respeito da história da constituição das Creches em nosso município.

Sabemos que as lutas pelo direito à educação de crianças nesta faixa-etária, é algo que continua sendo uma bandeira por parte de pais e educadores, os quais ao compreenderem que o atendimento de crianças está para além do “cuidar”, envolvendo como faceta do mesmo processo o educar, mobilizam-se em torno de políticas que efetivem tal demanda. Logo, a luta pela universalização do acesso a creche, deixa de ter uma conotação assistencialista para se estabelecer como um direito à educação, a qual



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



deverá ser assegurada àqueles que pela Constituição Federal passaram a ser situados como sujeitos de direitos, dentre os quais o da educação integral.

Quando nos remetemos, a realidade do estabelecimento desse serviço no município de Manaus percebemos que em seu início a mesma esteve sobre a responsabilidade da Secretaria Estadual de Assistência social, em detrimento à Secretaria Municipal de Educação, tendo-se entre essa transição, a presença de uma forma de atendimento, denominado Projeto Família Social. Este durou até o ano de 2010, e caracterizava-se pelo fato das crianças ficarem sob o cuidado de uma “mãe social”, a qual cuidava de sua assistência, priorizando a higienização do corpo e a alimentação (o cuidado). Para atuar como mãe social não precisavam ter formação em áreas educativas, uma vez que este não era o direcionamento em sua relação com a criança. Estas mães recebiam ajuda de custo para o desempenho de tal ação (CARVALHO, 2011).

No movimento desse processo, percebemos que existe uma história desconhecida, que possivelmente a narrativa de monitoras, mães sociais, educadoras primeiras e outros sujeitos presentes naquela dinâmica, nos possibilitariam conhecer.

A partir dos estudos realizados na disciplina Atividade Programada I, cuja ênfase era a História Oral, começamos a tecer a possibilidade de um trabalho em torno da questão para parte inicial da tese, ideia a qual, se amadurecida, transformar-se-á em projeto norteador da construção de um saber importante, sobre a história do atendimento de crianças na faixa etária de creche no município de Manaus.

As questões da infância em situação de creche no que se refere a implantação da mesma na Rede Municipal de Ensino, bem como as primeiras experiências em espaço específico (estrutura física), é também um caminho para o qual a História Oral em muito pode contribuir, visto pouco se ter sistematizações sobre a premente realidade.

É assim que colocamos em suspensão a temática apontada, sobre a qual, neste momento não nos confere pretensões de aprofundamento, mas o desejo de pensá-la a partir das possibilidades que a História Oral pode conferir ao processo, destacando que a mesma como tantas outras presentes neste espaço, são conhecimentos e vozes, que precisam ganhar visibilidade, como memórias e narrativas indispensáveis a inscrição de uma nova história e a produção de conhecimento em cenário amazônico.



Considerações Finais

A História Oral como uma história construída dentro da História, obtida mediante discurso de pessoas guardiãs de memórias, que embora partindo de um plano subjetivo, carregam as assimilações coletivas de um tempo, de uma comunidade, de um grupo possuidor de elementos, representações, significações, sentidos e vivências socialmente construídas, cada vez mais se torna necessária no espaço amazônico.

No mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros de um grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista, sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupa, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (HALBWACHS, 2004, p.55).

As narrativas advindas com o encaminhamento de projetos neste universo, as quais muitas das vezes excluídas nos discursos oficiais e/ou pesquisas que privilegiam fontes documentais escritas, deixam à parte, o processo ativo de escuta, de criação e significação de povos e comunidades, historicamente, marginalizados, daí emergir como importante encaminhamento não só na produção do conhecimento, como na mobilização e luta pela visibilidade de uma realidade, utilizando o conceito de Boaventura Santos, para além da égide do colonialismo interno, no qual a Amazônia é permanentemente recriada pela produção cultural dominante.

A metáfora metrópole /colônia persiste na impossibilidade de trazer ao mundo visível, midiático, as vozes representativas da região, como atores principais. São sempre coadjuvantes no processo que os torna fixos, estáveis, precisando serem investigados e necessitando até de conhecimento sobre si mesmo. É a ordem passiva que prevalece, onde nenhuma dialética é permitida (COSTA, 2008, p.8).

Nesse sentido, a História Oral como caminho na contramão desse processo, inscreve-se como possibilidade de se ir fazendo uma história diferente.



Referências Bibliográficas

CARVALHO, R. N. S. **A construção do currículo da e na creche: um olhar sobre o cotidiano.** 2011. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

COSTA, Vânia Maria Torres. **A Amazônia narrada: entre passado e presente quase nada mudou.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/60-encontro-2008>. Acessada em 27 de novembro de 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História oral: velhas questões, novos desafios.** In. CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 169- 186.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

JOUTARD, Philippe. **Desafios à história oral do século XXI.** In. FERREIRA, Marieta de Moraes, FERNANDES, Tania Maria, ALBERTI, Verena (Orgs). História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 31- 46.

LOPES, Rhuan Carlos dos Santos, BELTRÃO, Jane Felipe. **Alteridade e consciência histórica: a história indígena em seus próprios termos.** In. Amazonas em tempos contemporâneos: entre diversidades e adversidades / organização Jane Felipe Beltrão, Paula Mendes Lacerda. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Mórula, 2017.

MEIRY, J. C. S. B., HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIRY, J. C. S. B. **História Oral: velhas questões, novos desafios.** In. CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs). Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PEREIRA, Reinaldo Arruda. **A crise dos paradigmas e sua relação com a escola e com o currículo.** Dissertação. 159 p. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação. Mestrado em Educação, 2002.

SANTOS, Sônia Maria dos, ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. **História oral: vozes, narrativas e textos.** Cadernos de História da Educação – n. 6 – jan./dez. 2007 191- 201.